

**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA**  
**CCJ – CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS**  
**DISCIPLINA: H 544 - HERMENÊUTICA JURÍDICA**  
**Apontamentos do Prof. Antonio Carlos Machado (2006-1)**

## **CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA HERMENÊUTICO**

### **1. HERMENÊUTICA - ORIGEM E SIGNIFICADO DO TERMO**

O termo "hermenêutica" provém do verbo grego “hermeneuein” (bem como de seus derivados “hermeneus” e “hermeneia”); significa declarar, anunciar, interpretar ou esclarecer e, por último, traduzir. Apresenta, pois, uma multiplicidade de acepções, as quais, entretanto, coincidem em significar que alguma coisa é "tornada compreensível" ou "levada à compreensão". Isso acontece em qualquer enunciado linguístico que pretenda despertar uma compreensão, tornando algo inteligível. É o que sucede, principalmente, na interpretação ou esclarecimento de um enunciado talvez obscuro, de difícil compreensão, como, por exemplo, um texto histórico ou literário, cujo sentido não aparece imediatamente, mas deve antes ser tomado compreensível. E, por último, tal coisa ocorre na tradução de um texto, visto que toda tradução consiste na transposição de um complexo significativo para outro horizonte de compreensão linguística. Não há certeza filológica, mas só probabilidade, de que a palavra derive de Hermes, o mensageiro dos deuses, a quem se atribui a origem da linguagem e da escrita. O certo é que já em grego o termo significava de preferência, embora não exclusivamente, a compreensão e a exposição de uma sentença dos deuses, de uma mensagem divina, como, digamos, de um oráculo de Delfos, o qual precisa de uma interpretação para ser apreendido corretamente, -ou seja, "levado à compreensão". Dessa forma, o termo referia-se desde então a uma dimensão sacra: a compreensão e interpretação de uma palavra divina.

É por isso que a palavra "hermenêutica" foi primeiramente formada e empregada no domínio teológico, surgindo, porém, apenas na era moderna - como título de livro, encontra-se desde os séculos XVII e XVIII - no sentido de uma arte da compreensão" ou de uma "doutrina da boa interpretação", a saber, no sentido bíblico de uma interpretação correta e objetiva da Escritura.

O problema, entretanto, é muito mais antigo e mais amplo. Não é somente a Escritura Sagrada que sempre apresentou problemas de interpretação. Também nos textos profanos surgiu a questão de um modo correto de interpretar os textos. Obras literárias, testemunhos históricos, velhos textos legislativos, etc., devem ser compreendidos corretamente e interpretados num sentido - que será talvez, portanto, encarado neste contexto mais amplo.

(CORETH, E., Questões Fundamentais de Hermenêutica, EPU/EDUSP, S. Paulo, 1973.)

### **2. HERMENÊUTICA E COMPREENSÃO HISTÓRICA**

Vem dos gregos o fato de o homem escrever sua história, de narrar o que de mais importante aconteceu nos diversos povos. Mas, escrever história, fazer a crônica de fatos humanos, ainda não é ter consciência histórica. É na história do povo de Israel que temos a primeira consciência que um grupo tem de sua história como um processo interligado por eles

causais, graças a uma aliança com Jahwé. Abraão foi o primeiro homem divinamente educado para sua consciência histórica. Na medida em que se secularizou, aquilo que em Israel constituía algo revelado penetrou no ocidente profano. Mas é certo que tanto nos indivíduos como nos povos ocidentais a idéia de um destino concreto subsistiu com maior ou menor intensidade. Procurava-se captar os sinais da história e assim interpretá-la na esfera individual ou da comunidade.

Foi Hegel quem tentou unir, num movimento, a reflexão grega e o sentido da história de Israel e do cristianismo. Hegel instaurou um fator na história concreta da humanidade com o qual e dentro do qual tudo se encaminhava para um fim. O espírito absoluto na história era o "logos" que tornava possível a compreensão dela e sua marcha para um "telos". Uma lógica inelutável perpassa a história humana e comanda o homem que através dela vê desfeita a opacidade do acontecer humano. Comandada pelo "telos", a razão filosofante avança na história para uma auto-reflexão absolutamente transparente. Esta razão pode ser compreendida em seu processo abstrato ou enquanto se objetiva como espírito objetivo. Este é tudo aquilo que compõe a história humana visível na cultura.

(STEIN, E., História e Ideologia, Ed. Movimento, Porto Alegre, 1972)

### **3. A COMPREENSÃO NATURAL E ESPONTÂNEA: O MITO**

Mito quer dizer conto. Todos os povos sempre produziram seus contos, suas lendas, seus personagens extraordinários. Na Grécia antiga ou nos sertões do Nordeste, o mito é uma presença constante e viva na mentalidade do povo simples, que povoa o seu mundo com ídolos benfazejos e malfazejos, criações fantásticas de sua imaginação exuberante. No tempo de Homero (século VII, A.C.), o mito designava um discurso genérico acerca das coisas e somente mais tarde essa palavra passou a significar um "conto sobre a divindade", uma história que envolvia o céu e a terra, os seres celestes e os mortais.

A origem do mito perde-se na penumbra da pré-história, mas podemos fazê-la coincidir, ao menos virtualmente, com o acontecimento chave, que demarcou inexoravelmente o surgimento da espécie humana, um acontecimento de extraordinária importância no longo caminho da evolução do homem, que foi o despertar da consciência, do pensamento reflexo. Até então aterrorizado e subjogado pelas forças da natureza, o homem começa a compreender que o raio incendiário, a tormenta voraz, o mar tempestuoso ou o sol que escurece no meio do céu não são fenômenos casuais e aleatórios, mas têm alguma causa, obedecem a uma lei misteriosa, a alguma autoridade poderosa da qual depende a vida de tudo e de todos: Não sabendo determinar com clareza qual seria esta causa, o homem passa a atribuí-la ao numinoso, ao excelso, ao destino, ao senhor da terra, ao espírito cósmico, não importa qual seja a denominação ou a personificação que estas forças passem a ter, elas funcionam como explicação e como origem para tudo o que ocorre.

A explicação advinda do mito é, geralmente, absurda, irracional, até contraditória. Mas isto é o que menos importa. O que interessa não é aquilo que está sendo afirmado, mas o fato de que, por trás desta afirmação, há um esforço de correlacionar um efeito a uma causa, de descobrir um nexos entre as coisas e a sua origem mais profunda. A partir de então, começa a lenta vitória da inteligência sobre o medo milenar da escuridão, da morte: o caos, o cego aglomerado da matéria primordial, anima-se, cria vida e toma forma, torna-se um cosmos, isto é, um universo organizado, onde cada força cósmica recebe um nome e uma função.

(MACHADO, A. C., O HOMEM E O MITO - A alvorada do pensamento discursivo, Fortaleza, 1998)

#### 4. O BOM SENSO ENQUANTO FONTE DE TODA COMPREENSÃO

O bom senso é, das coisas do mundo, a mais bem dividida, pois cada qual julga estar tão bem dotado dele, que mesmo os mais difíceis de contentar-se em outras coisas não costumam desejar tê-lo mais do que já têm. E não é verossímil que todos se enganem a esse respeito; pelo contrário, isso evidencia que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, isto é, o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens. A diversidade das nossas opiniões não provém do fato de uns serem mais racionais do que outros, mas tão-somente em razão de conduzirmos o nosso pensamento por diferentes caminhos e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não basta ter o espírito bom: o essencial é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto como das maiores virtudes, e os que marcham muito devagar podem avançar muito mais seguindo sempre o caminho reto, do que os que correm e dele se distanciam.

Quanto a mim, nunca presumi que meu espírito fosse, sob qualquer aspecto, mais perfeito do que o do comum dos homens. Pelo contrário, desejei, muitas vezes, ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla e tão presente, quanto alguns outros. E não conheço maiores qualidades do que as que servem à perfeição do espírito. Uma vez que a razão ou o senso é a única coisa que nos torna homens e nos distingue dos animais, quero acreditar que se encontre integralmente em cada um. Sigo, nisso, a opinião corrente entre os filósofos que dizem que só há algo de mais ou de menos entre os *acidentes* e não entre as *formas* ou naturezas dos indivíduos de uma mesma *espécie*.

Não temerei dizer, porém, que tive muitas ocasiões de me encontrar, desde a juventude, em certos caminhos que conduziram a considerações e máximas com as quais formei um método que, parece-me, proporcionou-me os meios de aumentar gradativamente o meu conhecimento e levá-lo, aos poucos, ao mais alto grau que a mediocridade de meu espírito e a breve duração da minha vida poderiam alcançar. Dele obtive tais resultados que, não obstante, pelo juízo que faço de mim mesmo, eu tenda mais para o lado da desconfiança que para o da presunção, e que olhando com olhar de filósofo as diversas ações e empreendimentos de todos os homens, não veja nenhum que não me pareça vão e inútil, não deixo de experimentar extrema satisfação pelo progresso que penso já ter feito na busca da verdade e de nutrir tais esperanças para o futuro que, se entre as ocupações dos homens puramente homens, existe alguma de fato boa e importante, ousou acreditar que seja esta que escolhi.

É possível, porém, que me engane e talvez não passe de cobre e vidro o que tomo por ouro e diamante. Bem sei quanto estamos sujeitos a nos equivocarmos sobre o que nos diz respeito e também quanto nos devem ser suspeitos os juízos dos nossos amigos, quando nos são favoráveis. Mas terei a satisfação de mostrar, neste discurso, quais foram os caminhos que segui e de representar nele a minha vida como num quadro, para que cada qual possa julgá-la e que, informado pelo comentário geral das opiniões pronunciadas sobre ela, seja esta uma nova maneira de me instruir, que acrescentarei ao que costumo utilizar.

Assim, não é meu propósito ensinar aqui o método que cada indivíduo deveria seguir para bem conduzir a sua razão, mas apenas mostrar de que maneira procurei guiar a minha. Os que se propõem a oferecer preceitos devem julgar-se mais capazes do que os que os recebem; e, se falham na mínima coisa, tomam-se por isso censuráveis. Mas, propondo-se este escrito ser apenas uma história ou, se preferirdes, uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que possam ser imitados, talvez se encontrem também outros que será acertado não seguir, espero que seja ele útil a alguém, sem ser nocivo a ninguém, e que todos me serão gratos pela minha franqueza.

## **5. A LINGUAGEM ENQUANTO VEÍCULO DA COMPREENSÃO**

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem. Essa definição não diz apenas que, dentre muitas outras faculdades, o homem também possui a de falar. Nela se diz que a linguagem é o que faculta o homem a ser o ser vivo que ele é enquanto homem. Enquanto aquele que fala, o homem é homem. Essas palavras são de Wilhelm von Humboldt. Mas ainda resta pensar o que se chama assim: o homem.

A linguagem pertence, em todo caso, à vizinhança mais próxima do humano. A linguagem encontra-se por toda parte. Não é, portanto, de admirar que, tão logo o homem faça uma idéia do que se acha ao seu redor, ele encontre imediatamente também a linguagem, de maneira a determiná-la numa perspectiva condizente com o que a partir dela se mostra. O pensamento busca elaborar uma representação universal da linguagem. O universal, o que vale para toda e qualquer coisa, chama-se essência. Prevalece a opinião de que o traço fundamental do pensamento é representar de maneira universal o que possui validade universal. Lidar, de maneira pensante, com a linguagem significaria, nesse sentido: fornecer uma representação da essência da linguagem, distinguindo-a com pertinência de outras representações.

Fazer uma colocação sobre a linguagem não significa tanto conduzir a linguagem mas conduzir a nós mesmos para o lugar de seu modo de ser, de sua essência: recolher-se no acontecimento apropriador.

(HEIDEGGER – A CAMINHO DA LINGUAGEM – CAPI - Editora Vozes, RJ, 2003.)

## **6. A HERMENÊUTICA E A VIDA COTIDIANA**

Podemos resumir assim a história do universo: um coelho branco é tirado de dentro da cartola de um mágico. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer.

Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pêlos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pêlos, lá em cima.

Mas os homens pensadores tentam subir da base para ponta dos finos pêlos, a fim de poder olhar bem perto nos olhos do grande mágico. Só estes têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pêlos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida:

- Senhoras e senhores - gritam eles - estamos flutuando no espaço!

Mas nenhuma das pessoas lá de baixo se interessa pela gritaria dos pensadores.

- Deus do céu! Que caras mais barulhentos! - elas dizem.

E continuam a conversar: será que você poderia me passar a manteiga? Qual a cotação

das ações hoje? Qual o preço do tomate? Você ouviu dizer que a Lady Di está grávida de novo?

(GAARDNER, J, O mundo de sofia, Cia das Letras, S. Paulo, 1997)

## **INTERPRETANDO A METÁFORA**

O truque da cartola representa:

O coelho gigante é imagem de:

A ponta fina dos pêlos do coelho indica:

Encantar-se com a impossibilidade significa:

Arrastar-se para o interior da pelagem é:

Lá embaixo é tão confortável quer dizer:

Subir da base para as pontas dos pêlos é o sinal de:

Olhar nos olhos do grande mágico corresponde a:

Jornada rumo aos limites da linguagem e da existência é o mesmo que:

Alguns não chegam a concluí-la, ou seja:

Conforto da pelagem e enchendo a barriga chamam a atenção para:

A gritaria dos pensadores e o desinteresse das demais pessoas simbolizam:

E continuam a conversar coisas do cotidiano, isto é: